

MENDES, José de Castro. Na terra natal. Correio
Popular, Campinas, 17 mar., 1970.

F. 1

NA TERRA NATAL

A infausta notícia do falecimento do artista conterrâneo, foi recebida com intenso pesar de toda a população campineira. O comércio cerrou suas portas, as repartições públicas suspenderam o expediente, hasteando o pavilhão nacional envolto em crepe.

Ao meio-dia os sinos de todas as igrejas dobraram a finados. Em sessão extraordinária, a Câmara Municipal, reunida às 16 horas, o dr. Vieira Bueno apresentava a seguinte indicação:

«Campinas, pátria de tantos homens notáveis nas letras, na política e nas artes, Campinas, o baluarte republicano, que em seu seio fecundo gerou os próceres do novo regime, acaba de perder o seu filho dileto, aquele que mais alto elevou seu nome entre as nações civilizadas.

Para não deixar em terra estranha os despojos mortais daquele que tanto nobilitou, pelo seu trabalho e pelo seu talento a terra natal, proponho que se telegrafe ao Presidente do Estado de São Paulo para que, por seu intermédio, seja requisitado ao governo do Estado do Pará, o cadáver do grande paulista, para ser inhumado em Campinas, que é seu berço.

Que se consigne na ata um voto de profundo pesar pela perda irreparável que acaba de sofrer a América pelo desaparecimento do gênio musical, único que até agora produziu o Novo Mundo.

Campinas, 17 de setembro de 1896».

Ocupando a presidência do Estado outro grande campineiro, o dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, que muito se interessou pelo justíssimo pedido da Câmara campineira, não tardou muito para que o corpo do maestro viesse repousar na terra natal, onde chegou a 24 de outubro, alvo de consagradoras homenagens em todos os lugares por onde passou. Aqui chegando às 16 horas, foi o esquife conduzido para a Matriz Nova (Catedral) onde ficou exposto durante três dias, realizando-se os funerais a 27. As ruas achavam-se ornamentadas de flores, com mastros negros cobertos de crepe, encima-

dos por escudos onde se viam monogramas de Carlos Gomes.

Os combustores de gás, cobertos de crepe, permaneceram acesos dias e noites, pelas esquinas erguiam-se arcos floridos com o retrato do artista. Colchas negras de veludo recamadas de estrelas de prata pendiam das janelas e sacadas, refletindo em tudo, por todos os lados, a grande tristeza, o profundo pesar da cidade pelo desaparecimento de seu ilustre filho.

Cerca de quinze mil pessoas assistiram as cerimônias. Autoridades estaduais, municipais, militares e religiosas, colégios, associações, bandas de música, orquestras, em fim toda a população mostrava-se irmanada nessas homenagens prestadas ao grande morto.

«Foram honras nunca vistas, nunca prestadas a brasileiro algum, alguma coisa dos antigos triunfos dos Cezares no período aureo da grandeza romana, honras que falavam à alma numa sugestão invencível e fascinante».

Depositado provisoriamente na capela da família Ferreira Penteado no cemitério da Saudade o esquife do maestro ali permaneceu até 1904, quando foi trasladado para a cripta do monumento erigido na praça Bento Quirino, primorosa obra do escultor Rodolfo Bernardeli.

Foi essa a primeira estátua que perpetuou, em bronze e granito o vulto imperecível do grande artista.

Em seu estudo biográfico sobre o maestro campineiro, diz Benedito Otavio:

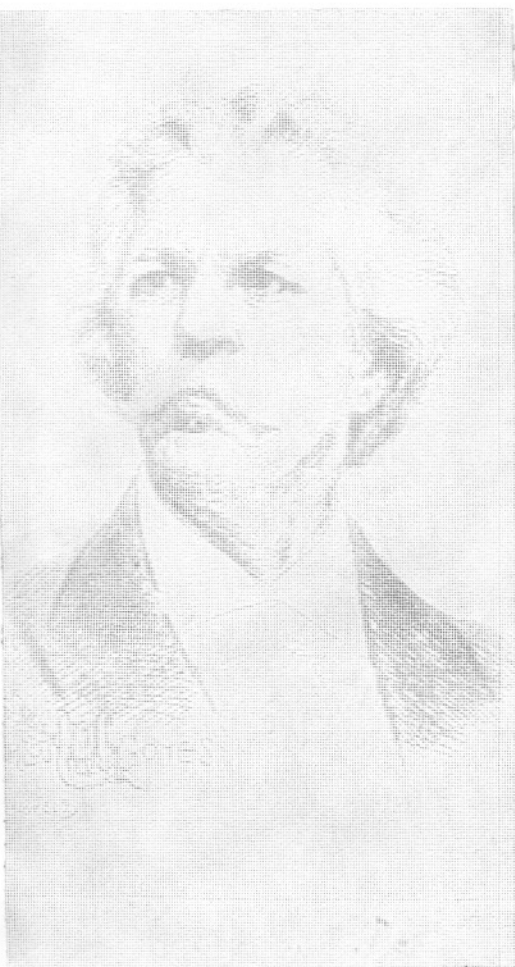
«Teve uma vida de doze lustros repartida entre alegrias e dores, ovações e afrontas, só encontrando no culto da Arte abrigo contra a injustiça dos homens.

Não tendo cumprido inteiramente, por motivos superiores às suas forças, a grande missão que dele se esperava, deixou contudo uma obra dificilmente igualável, nunca excedida, uma obra imortal.

Artista de gênio, compositor inspirado escreveu páginas que se tornaram assombro até dos mestres da música.

Espírito fraco para as especulações da vida, possuía fortaleza para aperfeiçoar-se na carreira que escolheu, seguiu e nobilitou. Teve na alma, incontestavelmente, essa divina centelha que faz alguns homens predestinados superiores a outros no tempo e no espaço».

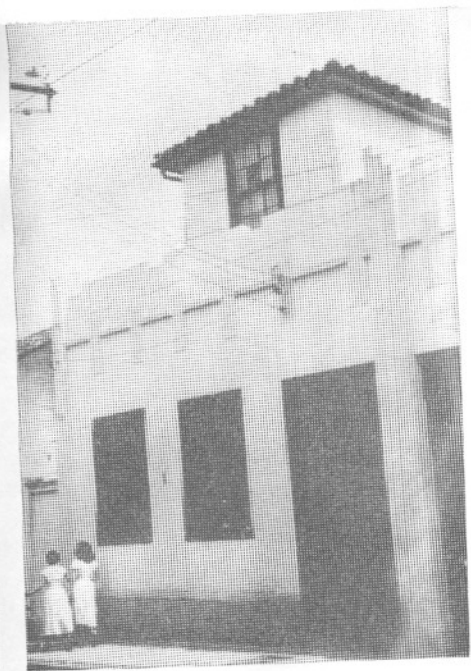




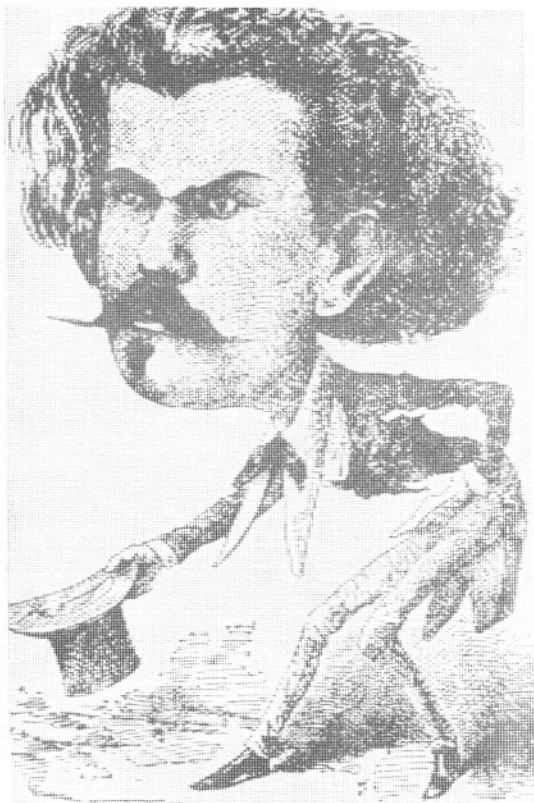
Primoroso desenho a bico de pena, autoria de Bernardeli o notável escultor do soberbo monumento a Carlos Gomes que se admira na praça Bento Quirino desta cidade



José de Alencar autor do romance "O GUARANI" do qual foi extraído o libreto da ópera de Carlos Gomes



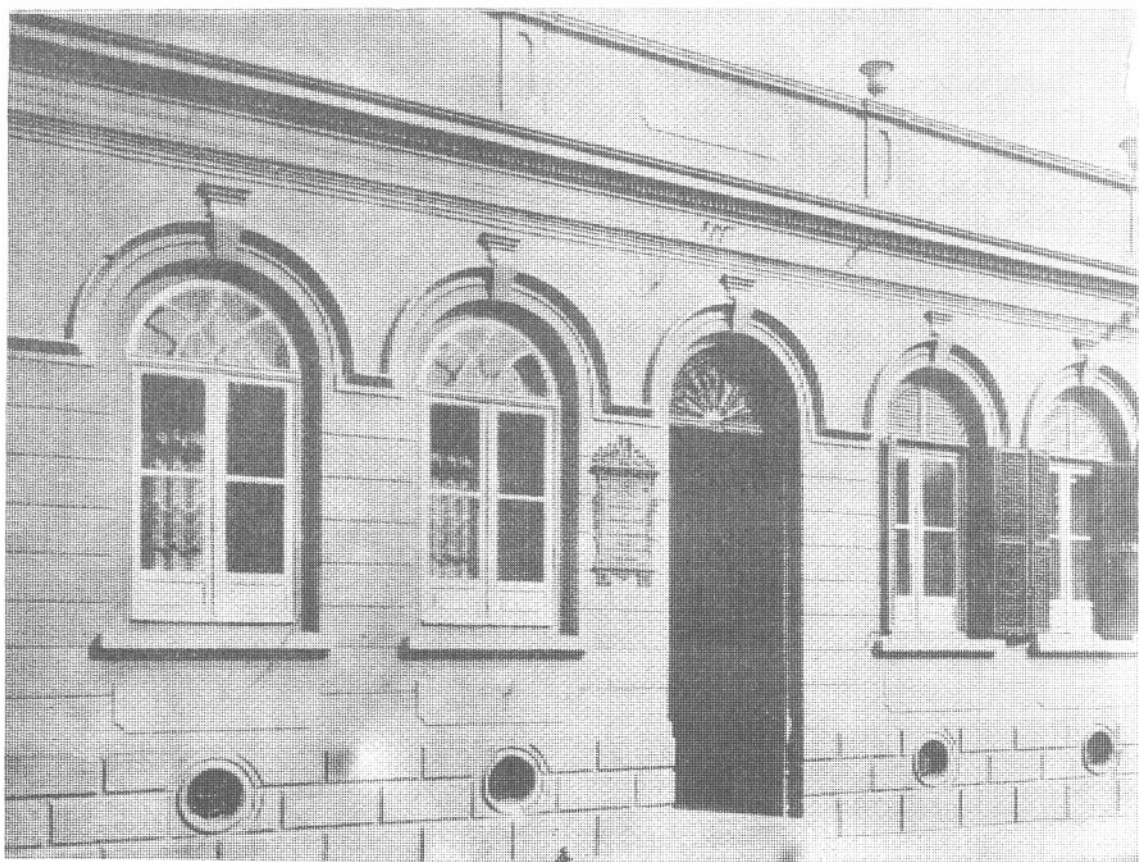
Prédio ainda existente à rua Dr. Moraes Sales, antiga rua de São Carlos, onde se hospedou Carlos Gomes quando de seu regresso da Europa glorificado pelo sucesso do Guarani



Caricatura de Carlos Gomes publicada na Itália quando se deu a estréia do Guarani no Teatro La Scala, de Milão



Joaquina Gomes, eximia pianista que ao lado de seu glorioso irmão executou ao piano o grande bailado do Guarani, no festival oferecido ao maestro a 4 de fevereiro de 1871, quando se encontrava nesta cidade em visita a seus parentes e amigos



Casa já demolida que existiu na rua Regente Feijó na qual se vê uma placa colocada pelo Centro de Ciências, Letras e Artes recordando o local onde nasceu o maior artista lírico sul-americano